

# História:

## Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira  
Elizabeth Johansen  
(Organizadoras)

**Denise Pereira**  
**Elizabeth Johansen**  
(Organizadoras)

# **História: Espaço Fecundo para Diálogos**

**Atena Editora**  
**2019**

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
H673	História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709  1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth.  CDD 907.2
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Elizabeth Johansen

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO	
<i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA	
<i>Gabriel de Souza Fagundes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888)	
<i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR	
<i>Douglas Pastrello</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES	
<i>Dehon da Silva Cavalcante</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972)	
<i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL	
<i>Adelcio Machado dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927097</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX	
<i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927098</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX)	
<i>Patrícia Carla de Melo Martins</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5081927099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE	
<i>Camila Carmona Dias</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>120</b>
PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS	
<i>Gerson Luís Trombetta</i> <i>Monique Villani</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR)	
<i>Maurício da Silva Selau</i> <i>João Paulo Corrêa</i> <i>Samara Hevelize Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>145</b>
MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	
<i>Maurício da Silva Selau</i> <i>João Paulo Corrêa</i> <i>Fabíola Pezenatto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>157</b>
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA	
<i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i> <i>Daiane Silva Carvalho</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>170</b>
PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS	
<i>Paula Ribeiro Ciochetto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270915</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>180</b>
A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLETT-PR 1913 A 1945	
<i>Júlio César Franco</i>	
<i>Hélio Sochodolak</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>200</b>
RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889)	
<i>Bruna Morrana dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>211</b>
SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950	
<i>Cristiane Lima Santos Rocha</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>219</b>
TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888)	
<i>Célio Augusto de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>228</b>
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO	
<i>Maralice Maschio</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270920</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>241</b>
“DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR	
<i>Lucas Marques Vilhena Motta</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270921</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>254</b>
A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270922</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>265</b>
ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970	
<i>Ronaldo Zatta</i>	
<i>Ismael Antônio Vannini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270923</b>	



<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>276</b>
AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979	
<i>David Anderson Zanoni</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270924</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>291</b>
CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI	
<i>Simone Lopes Dickel</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270925</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>308</b>
DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i>	
<i>Natália Fraga de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270926</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>318</b>
CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL	
<i>Epaminondas Reis Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270927</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>326</b>
A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA	
<i>Jonatan dos Santos Silva</i>	
<i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270928</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>337</b>
A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	
<i>Gabriel da Silva Ferreira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270929</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>349</b>
A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834)	
<i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270930</b>	

<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>364</b>
A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO	
<i>Maria Lucia Cavalcante</i>	
<i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i>	
<i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270931</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>373</b>
A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938	
<i>Fabiana Mathias Roncatto</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270932</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>384</b>
A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS	
<i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i>	
<i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270933</b>	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>393</b>
A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	
<i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i>	
<i>Douglas Proença de Santana</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50819270934</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>403</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>404</b>

## O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX)

**Patrícia Carla de Melo Martins**

UEPG, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História.

Ponta Grossa, PR.

**RESUMO:** As obras utilizadas para a formação do clero, compõem um instrumento relevante para a composição do sistema de pensamento que deveria legitimar a sociedade monárquica, constituída sob o Padroado Régio. Essa discussão recai sobre as obras utilizadas pelos capuchinhos franceses que assumiram a administração e organização pedagógica do Seminário Episcopal de São Paulo, entre os anos de 1854 e 1864. Os manuais de formação utilizados no Seminário, expressam os aspectos da filosofia-teológica propalada pelos clérigos franceses, defensores do conservadorismo no contexto da França Revolucionária. A filosofia-teológica vigente nas obras de formação básica dos alunos, compõem a subjetividade do mundo real dos clérigos na medida em que atribui significado e explicação à percepção do mundo empírico. Sentido em que a religião se põe sob uma categoria de compreensão da realidade. Nesta abordagem é a *Teologia Dogmática e Moral*, do Abade Gousset que se apresenta como objeto de análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manuais de Ensino; Brasil Imperial; Filosofia-Teológica; Capuchinhos.

THE THOUGHT SYSTEM IN THE TEACHING MANUALS OF EPISCOPAL SEMINARS OF SÃO PAULO (19<sup>TH</sup> CENTURY)

**ABSTRACT:** The works used in cleric formation compose a relevant instrument for the composition of the system of thought that should legitimate the monarchical society, constituted under the Royal Patron. This discussion falls over the works used by the French capuchins that took the administration and pedagogical organization of the Episcopal Seminar of São Paulo, between the years of 1854 and 1864. The teaching manuals used in the Seminar, express the aspects of Theological-Philosophy propelled by the French clerics, that defended the conservatism in the context of the Revolutionary France. The Theological-Philosophy in force in the teaching works of basic student formation compose the subjectivity of the real world of the clerics in means that it attributes meaning and explanation to the perception of the empirical world. A meaning in which the religion was set over a category of comprehension of reality. In this approach it is the *Teologia Dogmática e Moral*, (Dogmatic and Moral Theology) by Abbot Gousset that is presented as object of analysis

**KEYWORDS:** Teaching Manuals; Imperial Brazil; Theological-Philosophy; Capuchins.

A presente abordagem se dá em torno da formação clerical aplicada no Brasil durante a segunda metade do século XIX e utiliza como objeto de análise um dos manuais de ensino do Seminário Episcopal de São Paulo. Trata-se de uma revisão da documentação levantada na tese de doutorado defendida no departamento de Ciências da Religião da PUC-SP (MARTINS, 2006) e da tese de doutorado, defendida no departamento de História da UNESP-Franca/SP (MARTINS, 2014). Na documentação consultada verifica-se que era de uso obrigatório no ensino luso-brasileiro, nas escolas da educação secundária e nas escolas maiores – de ensino superior –, a adoção de manuais e compêndios como material de ensino. O manual de ensino era uma obra bibliográfica consagrada em torno de um tema específico, uma publicação densa, de 200 até 500 páginas, em geral dividido em dois ou mais volumes, composto por subtemas sistematizados em torno da ideia que se pretendia no interior daquela discussão disciplinar. O compêndio, geralmente era escrito pelo professor, designado lente da disciplina, era um tipo de livro que versava sobre conteúdo disciplinar específico, priorizava a noção histórica e gradativa do tema, dividido em capítulos definidos em lições. A história daquele saber era sempre tomada nos compêndios como uma forma de validar o conteúdo ali exposto. Todas às áreas do saber tinham seus compêndios como recurso de legitimação dos conteúdos selecionados, para formar a matéria ou cadeira disciplinar que compunha a grade curricular de um curso. Em geral, os compêndios tinham sua publicação nas editoras da corte. Representando o pensamento imperial adotado pelo poder instituído, os compêndios eram comumente utilizados no mundo letrado europeu, sendo prática recorrente em Portugal e posteriormente no Brasil Imperial. Os conteúdos educacionais dos centros de erudição passavam pelo crivo do ordenamento político em curso, evidenciando relações de poder sobre a atuação pedagógica dos professores. Embora submetido a um sistema de controle editorial, o autor do manual de ensino expunha seu pensamento particular em torno da área do saber no qual versava. Contudo, entre os compêndios havia menos espaço para considerações pessoais, a postura intelectual do autor se expressava pelos autores apresentados no roteiro histórico do conhecimento em questão.

Durante a segunda metade do século XIX, os manuais e compêndios do Seminário Episcopal de São Paulo, perpassaram a recomposição da vigência dos valores filosóficos e teológicos do catolicismo na composição da identidade nacional brasileira. De acordo com o paradigma cultural assumido pela corte luso-brasileira, os grupos sociais envolvidos com os saberes da erudição deveriam reafirmar a ideia de tradição presente no discurso civilizatório e moralizante da colonização lusitana. A hierarquia católica apresentava-se como aliada da hierarquia política, mantida pelo sistema imperial monárquico, no Brasil ancorado na presença da corte luso-brasileira. O princípio histórico da tradição cristã sustentava a continuidade das estruturas do Estado Monárquico, ordenado nas epígrafes do Antigo Regime, portanto pautado em concepções doutrinárias e dogmáticas sobre as quais deveriam ser postuladas

as relações sociais da nação. Elementos esses, relevantes para a estruturação do Estado Monárquico Imperial, mantido sob o Padroado Régio sob o pacto com a Igreja Católica (NEVES, 2014, p. 382-383). A constituição das relações sociais sob a tradição católica, foi garantida no Brasil, ao longo do século XIX sob a égide da educação instituída.

Por um lado, o Seminário Episcopal de São Paulo, foi um espaço composto pelo sistema de pensamento empenhado na ação política conservadora, se opunha a democracia moderna que se erguia nos sistemas republicanos. Por outro lado, apresentava-se culturalmente como uma instância da modernidade contemporânea do século XIX, como símbolo de modernização educacional (BOURDIEU, 1999, p.203-267) . O conservadorismo apresentava-se como uma característica do Estado Imperial brasileiro, demarcado pela relação estável com a Igreja Católica. Essa relação entre a Igreja e o Estado, no século XIX, indicava a oposição aos processos de secularização em curso tanto na Europa como na América. Nos demais países do continente americano, no processo de formação do Estado-Nação, a separação entre a Igreja e o Estado era relevante na composição de um novo ordenamento sócio-político. Frente a política cultural revolucionária em curso nos demais territórios nacionais, que se formavam tanto na América e como na Europa, a adesão do Brasil ao Padroado Régio ia contra o processo histórico em curso. A relação entre a Igreja e o Estado, no Brasil, denotava a continuidade da política social do período colonial. Sob a perspectiva historiográfica, desenvolvida desde o mestrado (MARTINS, 2011), verifica-se que a relação entre a Igreja e o Estado, no Brasil, caracteriza um elemento de longa duração histórica (Cf. BRAUDEL, 1965). A análise qualitativa feita em torno do lugar da educação instituída, leva à compreensão dos aspectos que regem a identidade nacional cristã, na construção da nação e naquilo que se entende por sociedade civilizada, no Brasil.

Sob a alçada do bispado de dom Antônio Joaquim de Melo (1852-1861), o Seminário Episcopal de São Paulo adentrou no movimento romanizador, aproximando o clero brasileiro da hierarquia romana, engendrando um processo de reforma nas linhas mestras da religiosidade clerical brasileira. No bispado de dom Antônio, primeiro bispo brasileiro a assumir o bispado da Província de São Paulo, o Seminário passou a funcionar em um belo prédio no principal centro comercial de São Paulo, o bairro da Luz, na frente do terreno no qual, alguns anos depois, fora construída a Estação Ferroviária da Luz, um símbolo da chegada da modernidade material.

A proposta educacional vigente no Seminário, claramente destinava-se a promoção de um novo paradigma religioso configurado por novas práticas e representações religiosas, reforçadas pelos traços da erudição, seguida de uma conduta moral específica. Uma erudição definida como Filosofia-Teológica. É importante ressaltar, à presença da teologia no princípio filosófico proposto, representando por si mesma o conservadorismo. A identidade conservadora, em torno do clericalismo, se construiu na relação social garantida pelos espaços da erudição, da propagação

do saber letrado. Nessa identidade educacional conservadora, mantida pelo Estado, vigorava ainda a noção de progresso material.

Os manuais de formação utilizados no Seminário, compõem um traço da expressão da Filosofia-Teológica aplicada a formação moral conservadora do Brasil. Os manuais de formação são tomados como instrumento de significação da realidade social, política, econômica e cultural que se definia. Eles seriam responsáveis pela construção da continuidade da tradição política eurocêntrica, em outras palavras, perpetuava a continuidade dos valores já dispostos na tradição de um discurso hegemônico perpetrado pelo Padroado Régio. O princípio da erudição adotado foi o dos capuchinhos do sudeste da França, mais especificamente da região dos Alpes, na fronteira com a Itália, Suíça, Espanha, com projeção para o Mar Adriático. Os capuchinhos, dessa região fronteiriça, foram importantes na redefinição da identidade católica junto a nação francesa, frente ao calvinismo e frente a secularização no contexto de formação do Estado Nacional durante a Era Napoleônica. A produção intelectual dos capuchinhos no contexto político francês do século XIX, é considerada contrarrevolucionária, pela historiografia. Isso justificava a relação de poder entre o Estado Imperial brasileiro e a Igreja Católica submetida a hierarquia romana, num momento em que a corte buscava a reação contra os movimentos sociais de independência e subversão a corte emergentes no Norte, Nordeste e Sul do Brasil, durante a primeira metade do século XIX (Cf. GRIMBERG; SALLES, 2017)

A Filosofia-Teológica vigente nos Manuais de Ensino dos alunos, trazia uma erudição destinada à subjetividade teórica e metodológica de compreensão do real, atribui significado e explicação à percepção do mundo empírico. No século XIX, os capuchinhos passaram a utilizar a narrativa histórica da escolástica, da teologia medieval estruturada a partir da Suma Teológica - que deu origem à escolástica tomista em defesa do pensamento católico francês. Nessa narrativa, a religião se põe sob uma categoria de compreensão da realidade formando um contraponto ao racionalismo defendido pelo método empírico cartesiano, que fundamentava a concepção de mundo da ciência moderna. Verifica-se, nessa disputa pela definição da realidade, aquilo que Bourdieu (1999) definiu como concorrência de bens culturais, vigentes na França a partir do século XIX, alocando a religião em torno da educação.

As três obras, indicadas pelo Vaticano, como leitura obrigatória no *Regulamento dos Ordinandos* do Seminário Episcopal de São Paulo, autorizada pelo Império, estavam inseridas na proposta pedagógica e educacional neotomista francesa. Os títulos indicados compreendiam a *Teologia Dogmática e Moral*, do Cardeal Gousset; o *Catecismo* do Abade Guillois, em quatro volumes e a *Filotéia ou Introdução à vida Devota*, por São Francisco de Sales. A reabertura do Seminário Episcopal de São Paulo em 1854 contou com a presença dos capuchinhos franceses de Lyon. Em 1879, os capuchinhos foram afastados do Seminário se espalhando por várias localidades do Brasil. Mesmo após terem deixado a administração e organização pedagógica do Seminário, os livros de formação básica citados continuaram a ser



utilizados até o início do século XX. Em 1908, quando a diocese de São Paulo passa a ser arquidiocese, o Seminário foi submetido a novas diretrizes curriculares e administrativas, consideradas adequadas ao Regime Republicano que começa a ser implantado a partir de 1889.

Nesta exposição, privilegia-se o manual de *Teologia Dogmática ou exposição dos poderes e dos dogmas da religião católica*, do Cardeal Gousset, a sexta edição francesa, publicada em 1852, pela editora Jacques Lecoffre, em Paris. A primeira edição da obra ocorreu em 1848. É importante notar que no tempo de quatro anos, a obra passara por seis edições, ou seja, tratava-se de um livro amplamente difundido entre os intelectuais católicos. Thomas Marie Joseph Gousset, nasceu em 1792 em Franche Comté, tornou-se Cardeal em 1850 e morreu em 1866, em Reims. Logo após se ordenar, em 1817, assumiu como professor no Seminário de Reims, um dos mais importantes Seminários de difusão da filosofia teológica tomista, na França. Anexado a Catedral de Reims, a segunda catedral mais importante como símbolo do tomismo francês. No Seminário de Reims, Gousset se projetou como professor de casuística. Antes de ascender à bispo ele permaneceu, de 1830 a 1835, como vigário de Perigueux, cede da região de Dordonha. Nesse mesmo período, Thomas Gousset escreveu seu protesto contra a universidade, intitulado *Observações sobre a liberdade de ensino*. Manifesto que versava sobre a liberdade de cátedra dos clérigos católicos, quanto a difusão da Teologia, frente a difusão de novos saberes adensados pela secularização das áreas do saber. Em 1840, assumiu como arcebispo da arquidiocese de Reims. Em todo o seu percurso, não interrompeu a trajetória dos estudos teológicos. Em 1844, publicou a *Teologia moral para uso dos padres e confessores*. Em 1848, publicou a obra que se apresenta nessa análise, o *Manual de Teologia Dogmática*, em 2 volumes, que ganhou várias edições. Em 1851, recebeu o título de São Calixto e, em 1852, tornou-se senador do Império e Comandante da Legião da Honra. Em 1859, publicou *Exposição dos princípios do Direito Canônico*. E, em 1862, publicou sua última obra, *O direito da Igreja de adquirir bens para a adoração e a soberania do papa*. Após a sua morte, em 1872, um monumento em sua homenagem foi construído e colocado dentro da catedral de Reims, contando ainda com uma publicação que retrata seus feitos e seu lugar entre os clérigos da Igreja Católica francesa. Seus textos foram amplamente difundidos em vários países inclusive do mundo anglo-saxão até o início do século XX. As obras acessíveis no *google livros* trazem o carimbo da biblioteca de Harvard e da biblioteca de Cambridge, indicando a abrangência da circulação da *Teologia dogmática e moral para o uso dos padres e confessores*. Em 1903 uma biografia do Cardeal Gousset, com mais de 600 páginas foi publicada na França e reeditada, recentemente, em 2017.

De acordo com a consulta das notas biográficas do autor, ele está qualificado como seguidor do probabilismo. Seus manuais de Teologia são considerados manuais de probabilística, teoria segundo a qual o conhecimento humano tem um caráter de probabilidade e jamais pode ser dotado de certezas, porque o espírito só conseguiria

captar proposições prováveis sendo a verdade inalcançável. Qualquer norma pode ser alcançada, desde que aprovada por percepção clara dos princípios envolvidos, mesmo que outra opinião pareça ser mais provável. Também se apresenta como uma espécie de doutrina intermediária entre o dogmatismo e o ceticismo, defendendo que o espírito humano não pode chegar à certeza absoluta, só pode alcançar opiniões prováveis. Nota-se que essa definição relativiza o caráter absoluto da verdade numa tentativa de se opor ao sistema de pensamento definido pela ciência, na medida em que ela se apresentava, no século XIX, como verdade absoluta inquestionável, superior as demais formas de conceber o mundo empírico. Por outro lado, é o próprio dogmatismo teológico que passa por redefinição semântica. Diante das novas áreas do saber, o dogmatismo teológico valia-se de um modelo de compreensão capaz de se auto sustentar, apontando o lugar da teologia no conhecimento relativo à fé. Conhecimento considerado superior às demais formas de conceber e entender a realidade sob a égide da ciência submetida ao método cartesiano.

A análise do manual de Teologia Dogmática perpassa as seguintes questões: qual o paradigma histórico vigente na teologia católica daquele momento? Em que medida essa compreensão estruturava-se na unidade social almejada pelo Estado Monárquico Imperial? Na primeira questão, é a própria concepção de mundo do cristianismo que buscava sua reafirmação, frente ao paradigma científico destituído da subjetividade da fé no campo da inteligibilidade e apreensão do real. O pensamento religioso se articulava na tipificação política imperial posicionando a fé no campo da subjetividade da própria cultura. A segunda questão, aponta para a forma como a intelectualidade brasileira, inserida nos mecanismos do poder instituído, entendia a sociedade brasileira sob um processo temporal configurado na esteira da História Universal da Civilização Cristã. Pertencer ao mundo cristão católico europeu era, em alguma medida, pertencer à História Universal da Civilização. A historicidade eurocêntrica erigida no paradigma civilizatório estruturado no cristianismo, reafirmava-se no Brasil, pelas vias do catolicismo. O catolicismo era um caminho da historicidade colocada em curso na colonização, na qual se dava a perspectiva de uma História Geral e Universal da Civilização guiada pelo catolicismo.

O *Manual de Teologia Dogmática* do Cardeal Gousset, na edição francesa de 1852, que circulou no Brasil, foi publicado em dois volumes. É clara na discussão apresentada a tentativa de se contrapor ao pensamento da época, classificado pela Igreja Católica como racionalismo herético. Chamava-se racionalismo herético toda produção do saber que não envolvia nos seus pressupostos os elementos da fé, pensado e discutido pela erudição teológica. Não se trata de ir contra à ciência em si, como aparece em muitas compreensões historiográficas. Os próprios capuchinhos se destacavam no seu tempo como cientistas, como atesta, por exemplo, a produção intelectual de Frei Germano de Ancey. Professor de Física e Ciências Naturais no Seminário Episcopal de São Paulo, reconhecido internacionalmente pelos seus estudos de astronomia e energia elétrica, Frei Germano chegou a ser convidado



por Dom Pedro II para assumir a direção do Observatório Nacional, mas recusara o convite. A principal vertente de oposição à teologia era a teoria biológica darwinista, na medida em que refutava o criacionismo. O *Manual de Teologia Dogmática* do Cardeal Gousset, formava um tratado de reafirmação do criacionismo disposto na base do pensamento escolástico medieval, situado no racionalismo tomista. Vale lembrar que no tomismo a razão tem um lugar claro para o desenvolvimento humano, porém a razão é um lugar de passagem da reflexão humana em torno da realidade. A razão em si, não seria capaz de sustentar a existência humana. Fora da dimensão teológica, fora do lugar da fé, o conhecimento humano seria incompleto. A razão apresentava-se apenas como um aspecto da dimensão humana. O papa Pio IX, no Concílio Vaticano I, reafirmou o sistema de pensamento tomista em que a razão é um caminho que leva até Teologia, calcada na fé. Por isso, a formação clerical envolve, até a atualidade, em geral, uma trajetória de formação composta por um ou dois anos de estudos propedêuticos, destinados ao nivelamento de conhecimentos gerais, três anos para a formação em Filosofia e quatro anos, para a formação em Teologia.

Na narrativa teológica assumida pela hierarquia católica, nos séculos XIX e XX, a história do cristianismo se reafirma no texto bíblico apresentando-se como elemento estruturante da fé. A utilização do Velho Testamento, do Novo Testamento e por último dos Sacramentos, definidos durante a Idade Média, formam a genealogia histórica da fé. Na narrativa de Gousset, produzida na primeira metade do século XIX, consta a ideia de uma evolução da fé, a partir da narrativa histórica sustentada pela trajetória dos povos bíblicos. Forma de elaboração discursiva entendida aqui como tentativa de refutar as teorias da evolução vigentes no darwinismo do século XIX. Verifica-se um percurso de ideias que deveria ser suficiente e satisfatório para combater a teoria da evolução das espécies, principal argumento que desconfigurava a compreensão histórica da humanidade presente nas narrativas do pensamento teológico judaico-cristão. O manual do Abade Gousset apresentava uma concepção de revelação geral e gradativa da fé. Ele partia do Antigo Testamento para o Novo Testamento, e do Novo Testamento para os Sacramentos, difundidos durante a Idade Média. Evidenciava-se uma genealogia histórica da fé em que os sacramentos se configuravam como o último e mais elevado estágio da evolução do cristianismo católico romano. Vale ressaltar que os sacramentos, definidos durante a Idade Média, diferenciava o cristianismo católico do cristianismo protestante desde o advento da Reforma Protestante no século XVI, figurando a marca do catolicismo.

O pensamento religioso é apresentado no *Manual de Teologia Dogmática*, como o conhecimento racional da religião. Os dogmas, a moral e o culto católico compõem a revelação de Deus para os homens, indicando o caminho a ser seguido na experiência finita da temporalidade inserida no mundo histórico, onde as coisas tem começo, meio e fim. Essa narrativa bíblica deveria ser seguida como possibilidade para o exercício da experiência do presente que ressignifica o passado e orienta acerca do futuro, visando a perspectiva soteriológica. É a história *Mater Magistra* (KOSELLECK,

2006; 41-60) que se reafirma na narrativa no núcleo da teologia dogmática do Abade Gousset. Sentido no qual tudo poderia ser comprovado pela história. A natureza humana apresentada como instrumento recorrente da doutrina moral, esteve disposta nas distintas concepções teológicas e jurídicas dos ordenamentos políticos, comuns até o final do século XVIII. A história do cristianismo configurava a teologia católica, servindo de guia moral e ético, tomada como essencial à experiência humana a ser vivida nos ditames do Estado-Nação Imperial do século XIX, no Brasil.

Nas escolas católicas, o manual de ensino traz uma forma de ser associada a própria condição humana. Servia para guiar o homem no seu cotidiano prático, promovendo a práxis revestida de significados subjetivos, para serem aplicados no mundo objetivo, recaídos na sua relação com o mundo empírico, no seu discernimento acerca da realidade cotidiana, interpretada a partir das passagens bíblicas.

O Manual de Teologia Dogmática do Cardeal Gousset, divide-se em três partes, no seu conjunto, sob a orientação exposta acima. A primeira parte denomina-se: Teologia e estudos das verdades que nos devemos crer. A segunda parte: Teologia moral e estudo das obrigações que nós devemos cumprir. A terceira parte: Teologia Canônica, sobre o culto divino e da disciplina observada pela Igreja. Na primeira parte, Teologia e estudos das verdades que nós devemos crer, ele apresenta passagens do Antigo e Novo Testamento, a partir da qual constrói a ideia do sagrado vigente na erudição cristã que deu origem ao texto bíblico. A tradição está associada a vida dos povos presentes na narrativa bíblica. Na parte dois, no estudo das obrigações que nós devemos cumprir, Gousset expõe os atributos de Deus contidos na revelação. Destacam-se as concepções do criacionismo, do mundo físico, dos anjos, do homem e da divina providência. Na terceira parte, intitulada Teologia Canônica, são as questões concernentes a Trindade, a Graça e aos aspectos particulares dos sacramentos que se apresentam. O último tema dessa sessão recai particularmente sobre os sacramentos, em uma discussão conceitual acerca do dogma do corpo de Cristo, na eucaristia e do dogma da confissão sacramental.

Na contingência daquele período, primeira metade do século XIX, outro tema recorrente na produção dos clérigos do catolicismo foi o posicionamento contra a Religião Natural ou Teologia Natural. Foi comum entre os filósofos do iluminismo na passagem do século XVIII para o XIX, dividirem a Teologia em Natural e Sobrenatural (MARTINS, 2019, p. 18-19). O deísmo caracterizava o pensamento dos filósofos não envolvidos com os aspectos instituídos da religião, disposta no catolicismo ou mesmo no protestantismo (CASSIRER, 1992, p.189-267). Nesse sentido os filósofos não se opunham à teologia ou a religião em si, se opunham a instituição religiosa, na medida que ela defendia a ideia de um Deus transcendente. Os deístas, adeptos da Teologia Natural, defendiam a ideia de um Deus imanente, presente em todas as coisas, que não estaria fora do mundo empírico, mas imerso, contido em todas as coisas. A orientação da Teologia Natural foi difundida no Brasil por intermédio dos Manuais de Direito Natural utilizados nas Faculdades de Direito de São Paulo e

Recife, ao longo de todo o século XIX (Cf. MARTINS, 2018). Na parte inicial do seu tratado teológico, Gousset faz a crítica aos autores do seu tempo, que ao dividirem a religião em natural e sobrenatural, construía dogmas afastados da Teologia Católica. Na sua introdução, Gousset defendia a compreensão vigente na teologia revelada ou sagrada dos teólogos franceses do final do século XVIII e início do século XIX. Essa discussão denota a complexidade do debate em torno da compreensão teológica então em vigor. Uma evidência da temática presente nos manuais de formação escolar do século XIX utilizado pela Igreja Católica, adotado no Brasil no ordenamento do próprio Estado. Outro ponto a ser destacado, nas obras consultadas é a participação dos teólogos franceses, católicos, contra aquilo que chamavam de proposta dos filosofismos do iluminismo. Para os franceses a aproximação entre tradição teológica e a filosofia moderna não era comum, como para os alemães. Entre os filósofos franceses a teologia sagrada ou revelada permaneceu inserida na tradição da escolástica tomista. Entre os teólogos franceses a escolástica tomista era uma doutrina racional, uma ciência acerca da existência de Deus, tornando-se o caminho da fé e da relação com o divino. “Verifica-se a ênfase em uma razão que se fundamenta naquilo que chamavam de conhecimento divino, disposto numa exposição pedagógica cujo objetivo é direcionar a interpretação dos clérigos num único ponto de vista...(MARTINS, 2009, p.248)”.

O manual de teologia, foi um dos primeiros manuais de ensino pensado e produzido com finalidade pedagógica, destinado a formação do educando. De acordo com Frei Josefá, em sua obra *Paradigma teológico de Tomás de Aquino* (2012), a *Suma Teológica* configura o primeiro manual de ensino da tradição escolástica. A partir do século XII, a *Suma Teológica* se definiu como uma concepção pedagógica das universidades emergentes na Europa Ocidental.

De acordo com Libânio (2015), está na própria raiz do cristianismo a vigência de um conhecimento revelado registrado em forma de livro, tendo a escritura como espaço sagrado da tradição católica. A ideia de um conhecimento divino revelado, registrado pela escrita, apresentado como verdade maior, estaria vigente no paradigma da realidade Ocidental desde o final do Império Romano, permanecendo à posteriori, nos mosteiros medievais e conseqüentemente nas universidades criadas a partir do século XI da era cristã. Nessa contingência pedagógica, a própria revelação constituiu-se como conhecimento histórico, ao tornar-se escritura sagrada.

Na concepção dos teóricos da teologia católica, existe uma relação direta entre revelação, escritura e mundo histórico. Nessa análise, tal relação articula um conhecimento escrito que configura um campo de registros de práticas e representações a partir da qual estrutura-se um sistema de pensamento, uma experiência humana singular, uma concepção de mundo demarcada pela temporalidade humana, como algo finito, sendo a Teologia o caminho rumo a existência de um mundo atemporal, disposto na eternidade. O conhecimento teológico organizado na forma de manual destina-se, desde a sua origem, à definição do ser sobre si mesmo, na relação de

si mesmo com o outro, com a natureza, o mundo empírico, o tempo dado sob a dimensão finita e a eternidade, sobre a própria dimensão do infinito e do eterno. Nesses termos também a teologia se torna um conhecimento pautado no pressuposto dos universais. O universalismo e a história estariam consubstanciados às definições atribuídas à tradição cristã. O moderno conceito de história, articulado a partir da Escola Metódica francesa e mesmo do Historicismo alemão, não podem ser confundidos com a concepção histórica pautada na tradição católica, tal como ela se apresenta nos pressupostos da Teologia Católica, que traduz a própria historicidade do cristianismo na Europa Ocidental. A história da civilização cristã foi agregada à formação da nação brasileira, num processo histórico em que a laicização do Estado só ocorreria no final do século XIX. Nas demais localidades da América e mesmo do Ocidente Europeu a secularização estava em curso desde o final do século XVIII. A corte luso-brasileira tinha na sociedade europeia do Antigo Regime, o modelo de sociedade que deveria ser aplicado sobre o Brasil. A presença da História como disciplina escolar, no Brasil, se articulou nos currículos da educação instituída a partir de 1838, com a aplicação dos manuais franceses de História Geral da Civilização (NADAI, 1993, p. 145). Contudo, a compreensão histórica do Brasil, na perspectiva de uma história da humanidade cristã, encontrou na Filosofia-Teológica um campo da compreensão histórica nacional. A tentativa de aplicar o processo civilizatório por intermédio do discurso histórico, não vinha apenas dos manuais de história nacional. A história validava as diferentes áreas dos saberes constituídos, nos compêndios das diferentes temáticas curriculares. O compendio, com sua narrativa histórica acerca da área disciplinar, alocava o sujeito da formação escolar num raciocínio acerca de si e do outro. Os compêndios configuravam o modelo pedagógico das Universidades europeias do Antigo Regime, sobretudo durante as disputas do saber travadas no seio do pensamento iluminista do século XVIII. Orientação legitimada no Brasil até o início do século XX.

## FONTES

CAMARGO, Paulo Florêncio da Silveira. Carta Pastoral sobre o Seminário. In: **A Igreja na História de São Paulo (1851-1861)**. São Paulo: Instituto Paulista de História e Arte Religiosa, 1953. p. 314. Carta Pastoral n. 8.

**Inauguration du monument élevé à la mémoire de S.E. Monseigneur Le Cardinal Gousset, Archevêque de Reims, Sénateur, etc.** Le 14 mai 1872. Dans L'église Saint-Thomas de Reims. Reims, Ed. Matot-Braine, 1872. (Carimbo de origem Biblioteca de Harvard College Library, 1927)

J. GOUSSET. **Le cardinal Gousset: sa vie, ses ouvrages, son influence.** Ed. Henri Bossane, 1903. (original digitalizado: Biblioteca pública de Nova York)

J.GOUSSET. **Le Cardinal Gousset: Sa Vie, Ses Oeuvres, Son Influence** (Classic Reprint). Fb&c Limited, 2017.

MELO, Antônio Joaquim de. **Regulamento ao clero.** 2 de agosto de 1851. Arquivo da Cúria

Metropolitana de São Paulo. Documentos Interessantes, p.27-42. Estante 15, gaveta 79, n.52.

MELO, Antônio Joaquim de. **Regulamento ao clero**. 2 de agosto de 1851. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Documentos Interessantes, p.27-42. Estante 15, gaveta 79, n.52.

MELO, Antônio Joaquim de. **Regulamento para os ordinandos**. São Paulo, 1952. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, pastas avulsas do Seminário Episcopal de São Paulo, 1854-1864, p.1-6.

## REFERÊNCIAS

ABRÃO, Maria. **Teologia dogmática e experiência espiritual cristã**: Repensando a relação com H.U. von Balthasar. Horizonte, Belo Horizonte, v.14, n.43, p.1039-1063, jul/set.2016 – ISSN 2175-5841.

BERNARDINO, Angelo. **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRAUDEL, Ferdinand. História e Ciências: a longa duração. **Revista de História**. Ano XVI. Vol.XXX. n.62, 1965.

GRIMBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial**. Vol. II. Civilização Brasileira, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2006.

LIBANIO, J.B.. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. São Paulo: Loyola, 2005.

MARTINS, Patrícia C.M.. Conservadorismo, educação e tomismo no Império Brasileiro. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Ano I, n.3, Jan. 2009.

MARTINS, Patrícia C.M.. **Filosofia da História nos Manuais de Direito Natural do Brasil Império**. Beau Bassan, Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

MARTINS, Patrícia C.M.. **Práticas e representações femininas do catolicismo a cultura letrada**: O modelo civilizatório europeu sobre o Brasil no início do século XX. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

MARTINS, Patrícia C.M.. **Seminário Episcopal de São Paulo e o paradigma conservador do século XIX**. São Paulo, 2006. 309f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

NADAI, Elza. O Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.13, n.25/26, pp 143-162, set. 92 / ago. 93.

NEUFELD, Karl (Org.). **Problemas e perspectivas de teologia dogmática**. São Paulo: Loyola, 1983.

NEVES, Guilherme Pereira das. A religião do império e a Igreja. In: GRIMBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial**. Vol. I. Civilização Brasileira, 2014.

PIERRE, Bourdieu. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Denise Pereira** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

**Elizabeth Johansen** - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

### C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

### D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

### E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

### F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,



116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

## **G**

Giro decolonial 5

## **H**

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

## **I**

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

## **L**

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

## **M**

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

## **N**

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,



110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

## **P**

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

## **R**

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

## **S**

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

## **T**

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

## **V**

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,  
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-650-8

